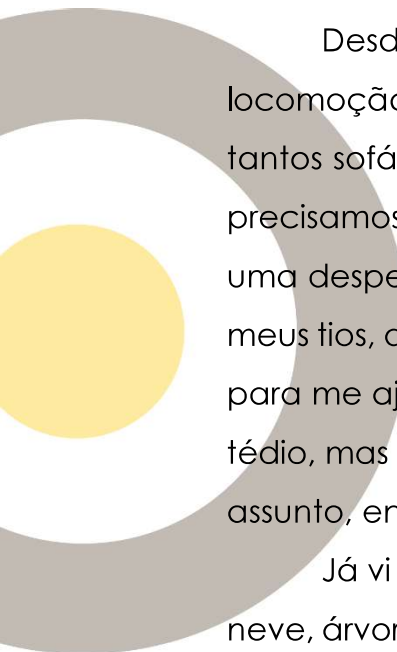


A VERDADE

The truth

Júlia Nascimento



Desde que me lembro, moro nesse trem, imenso e sempre em locomoção. É um vagão espaçoso para nossa pequena quantidade, tantos sofás, almofadas, luminárias, mesas e cadeiras para além do que precisamos, livros que não são possíveis de se ler em apenas uma vida e uma despensa que se parece um labirinto. Somos em 5: eu, meus pais e meus tios, que são considerados amigos da família. Sempre quis um irmão para me ajudar a substituir o exagero dos móveis, preencher o vazio e o tédio, mas meus pais dizem que quando chegarmos lá, eles pensarão no assunto, enquanto isso, me distraio com a janela.

Já vi todo o tipo de paisagem, das mais áridas às mais brancas em neve, árvores de todo formato, cores e tamanhos, rochas mais velhas que minha existência, montanhas que imitam a realidade em sua silhueta e céus que brilham, iluminam e escurecem nossos dias. Já vi de tudo, mas nunca senti nada que não seja de dentro desse trem, nunca saí. Não sei o que são cheiro de verde, terra molhada e pingos de chuva, ar fresco, textura da grama e nem folhas e frutas. Meus pais dizem que não preciso disso, “o que você tem aqui, é tão bom ou melhor do que se vê aí”. Não entendo. Não me explicam. Não gostam que eu saiba. Desconfio que talvez nem eles saibam, mas ainda me deixam esses livros imagéticos e imaginários, pois têm a certeza de que, somente assim, aprisionarão minha curiosidade aos quilômetros internos desse vagão.

Eles, meus pais, estão sempre exaustos, não de corpo, mas de mente. Cansam-se todos os dias de esperar por seu destino final, mas não diminuem suas expectativas quanto a isso. Sua religião é sua última

parada, aliás, a primeira, pois estão envoltos nesse metal desde que eram recém-nascidos. De meus avós, não conheço muito, mas sei que viveram e morreram aqui dentro também, temo que esse seja meu destino.

Meus tios compartilham dos mesmos pensamentos arcaicos que meus pais e também não terão filhos enquanto não chegarem lá. Eles são pessoas de semblante fechado, testa franzida e olhos apreensivos, talvez tenham ficado iguais pela longínqua convivência; não têm muitos lados para andar, explorar ou recorrer nesse trem, sempre juntos, esperando...

Nas poucas histórias que me contavam, os personagens mais frágeis eram aqueles que tinham dizéria, que é como chamam o enjoo em viagens de trem. Eu não sabia, mas minha verdadeira aventura, se assim posso chamar, começou quando me tornei também frágil.

Certa madrugada, acordei de repente molhado em suor, espantado e fraco; não era capaz de me levantar, me sentia à beira do desfalecimento, como se minhas forças me abandonassem e meus olhos não pudessem se manter abertos. Gritei por meus pais, que logo vieram ao meu socorro, acendendo todas as luzes de nosso vagão e me cegando com tanta claridade. Percebia que falavam comigo, mas não conseguia respondê-los. Na barriga, sentia dor de fome, mas não queria comer; sentia a secura da sede, mas nada queria beber.

Eles conversavam procurando uma solução para meu problema, mas tudo o que acharam foi isso, a determinação do meu problema: “Dizéria, com certeza”, disseram. Eu tremi ao ouvir, não sabia que poderia vir a ter, sempre me diziam ser abençoado por nascer em uma família forte de corpo e boa de saúde. Afinal, como um enjoo pode doer tanto? Nos livros de fora não se fala de sua origem pois é uma doença que apareceu ao fechar das portas de metal. Tinha medo do que pudesse acontecer, não conhecíamos bem sua procedência tão pouco seu tratamento. Até que meus pais se lembraram de alguns boatos que

rondaram nas poucas vezes que abriram a pequena porta que interliga os grandes vagões, sim, também me foi um choque descobrir que não estávamos sozinhos nessa viagem, porém, o contato era mínimo.

-Vamos ter que levá-lo, não temos outra opção - Disse meu pai, preocupado.

-Tenho medo que não volte - Respondeu minha mãe, ao ver que eu já não tinha consciência.

Pouco me lembro de meu transporte a esse lugar que mencionaram, carregado nos braços de meu pai, enquanto minha mãe carregava um enorme saco em suas mãos. Com os olhos semicerrados, recordo-me de ter visto muitas portas se abrirem para que pudéssemos passar, ouvi mais vozes do que imaginei existir e pensava o quanto mais teríamos de andar para chegar. Queria me curar.

Quando finalmente acordei, meus pais estavam ao lado de meu leito, disseram-me que dormi por 5 dias, devido ao tratamento pesado, pois minha condição era séria. Me sentia muito melhor, ainda não estava completamente curado, mas já podia comer normalmente, falar e pensar claramente. Sentei-me e observei o cômodo improvisado com o que deveria se parecer com uma sala de hospital, algumas coisas que deveriam ser sobras de remédios e componentes para a formulação de novos sobre uma mesa do outro lado de minha cama.

Iluminação escassa e amarelada. Mal enxergava a outra extremidade do quarto, apesar de pequeníssimo. Alguns trapos parecidos com livros em uma estante feita de caixas de papelão, tinham velha idade, em seu topo pude notar o saco que minha mãe trazia, já aberto e um pouco mexido. Meus pais diziam para eu não me preocupar com a inferioridade do ambiente pois logo sairíamos e teríamos, novamente, uma vida normal.

Deveríamos passar só mais uma noite, para que eu pudesse ser observado e continuaria me cuidando “em casa”. Mas observado por

quem? Pensei, depois de um tempo. A hipótese de conhecer um novo rosto, além dos únicos 5 que convivo, me manteve absorto em curiosidade e excitação até que ouvi uma movimentação em minha direção. E não apenas uma, mas duas novas faces se apresentaram aos meus olhos. A primeira delas trazia história gravada em sua pele, com todas as marcas que denunciavam onde suas expressões se formavam, com todo o peso de uma vida longa e que, de alguma forma, passava a sensação de que ali havia sabedoria; olhos muito cansados, talvez pelo seu incessante turno em cuidar de mim ou pela sua demorada vivência; falava objetivamente, mas com um esboço de sorriso doce que um dia foi genuíno. Já a segunda delas compartilhava dos mesmos olhos, porém suas composições eram tão jovens quanto as minhas, pele lisa, morena e parecia contente. Ambas as mulheres tinham corpos finos, que podiam ser enlaçados ao fechar dos dedos de uma mão, falavam com meus parentes, mas a menina fitava a mim. Imaginei que poderia também estar sanando sua curiosidade em conhecer um novo alguém, porém seu olhar era convidativo, como se quisesse me dizer algo, mas ali, naquele momento, não poderia.

Após o fim da conversa, essa senhora me deu de comer algumas bolinhas marrons feitas por ela e logo apaguei. Daí em diante nada vi e não tenho lembranças. Amanheci em meu quarto, sentindo-me melhor do que saí e tendo de responder a todo inquérito de minha família por meu repentino adoecimento, do qual nem mesmo eu tinha total ciência de como aconteceu. Por suas palavras, gestos e insinuações, notei que queriam que eu tomasse responsabilidade pela necessidade de nossa visita a um outro vagão, mas não o fiz. Não poderia prever. Eles não insistiram, deram algo pra me alimentar e me deixaram descansar.

Sozinho, quis dormir mais, mas meus olhos não se fechavam, inquietos demais.

Mirando o teto por um tempo, lembrei-me da garota, que em uma outra realidade poderíamos ser próximos, ou até amigos! O quão bom seria isso? Ter e ser companhia. Depois de muitas reflexões e criação de inúmeros cenários diferentes de minha atualidade, escurecera lá fora, mais rápido pois atravessamos um novo fuso, e dormi. Se continuei minhas projeções no subconsciente não tenho certeza, mas acordei cortando a madrugada e imaginando ainda estar sonhando, pois lá estava ela, a menina, entrando no meu quarto, aproveitando a quietude e calmaria do trem. Andava tão suave quanto um gato (não que eu conheça um) e cantarolava baixinho. Seria esse seu feitiço para acordar só a mim e mais ninguém? Ainda não pude descobrir. Quando chegou junto a mim, perguntou:

- Quer ver a Verdade?
- Mais que tudo! – Respondi, sem titubear.

Ela, sorrindo, me pegou pela mão e me guiou àquela porta pequena, que faz divisão do meu vagão com o restante. Abrindo-a vagorosamente, virou-se a mim e tornou a me olhar convidativamente, como fizera antes, na esperança de ver se meus sentimentos ainda eram de certeza, depois de confirmá-los, saímos.

Diferente da última vez que passei por esses corredores, agora posso ver claramente. O vagão deveria ser centímetros menor que o primeiro, mas o luxo exagerado me é familiar, apesar da escuridão da noite, todas as joias, vasos, molduras e mobília brilham. Pude distinguir dois quartos, talvez uma família menor que a minha, mas, ainda assim, possuindo mais do que o necessário para viver em aconchego.

Após alguns minutos pudemos atravessar todo o cômodo e estávamos em frente a uma portinha parecida com a que atravessamos para adentrar ali. Essa dava ao terceiro compartimento do trem e antes de entrarmos, ela me disse;

- Não tire os olhos do que está vendo, é importante que se lembre.

Apenas acenei afirmativamente e prosseguimos. Minha guia era furtiva em seus passos e andares e eu tentava copiá-la, com a nossa breve convivência já conseguia roubar-lhe alguns movimentos e reproduzi-los, mas não com tamanha maestria. Era levemente estabonado e ela me ajudava a não esbarrar em nada ou fazer qualquer barulho, por muitas chances quase caí, mas conseguimos continuar sem nenhum alarde. Prendia minha observação ao ambiente e memorizava cada centímetro que podia enxergar, não era tão diferente do último em que estivemos, mas sua dimensão era relativamente menor.

Logo, atravessamos a terceira portinha e o que se seguia era um espaço meramente menor, não havia extrema abundância de pertences que reluziam a noite, sentia o chão mais quente, os dispositivos de iluminação era limitados e parecia haver somente um quarto. Notei que mais rapidamente chegamos à próxima divisa e um barulho, a início quase inaudível, começou por todo a locomotiva. Eu o reconhecia, era o Despertar, que fazia com que todos os passageiros acordassem e se levantassem para mais um dia, de espera... Eu não entendia realmente sua necessidade, mas estava presente e ativo todos os dias.

Aparentemente, o trópico pelo qual estávamos passando era menor do que o esperado e o fuso mais uma vez se alterou, o dia raiava sem aviso e sabíamos que as luzes começariam a se acender.

Nós nos entreolhamos e, sem palavras ditas, concordamos em acelerar toda nossa caminhada à uma maratona ao nosso, até então, destino. Devo dizer que estava sentindo todo o cansaço e estamina da corrida, apesar do espaçamento da minha casa, não é como seu eu precisasse correr para chegar a algum lugar, estava desacostumado.

Percebi os risos discretos vindos dela ao ver meu rosto avermelhado e gotas descendo meu rosto. Corei por um novo motivo.

Com ela sempre à minha frente, fomos nos aproximando do nosso último ponto e pude notar que à medida que atravessávamos as portinhas, a distância entre elas diminuía, a simplicidade ia tomando conta dos lugares, minha companheira retomava sua canção e parecia se sentir mais à vontade. Não tínhamos muitas oportunidades de conversa para que não fôssemos descobertos, mas pelos nossos olhares, sentia que estávamos nos dando bem.

Pelo que sempre me foi dito, havia dez vagões, ou seja, dez famílias viajando juntas. E pela minha contagem íamos adentrar ao último deles, aquele em que eu havia sido tratado. Mas não era nada parecido com o que eu me lembrava, era um cômodo como os outros, o menor de todos, mais ainda com seus resquícios luxuosos. Minha dúvida foi instantânea, mesmo refém da pressa, procurava por todos os cantos qualquer coisa que fizesse jus ao lugar em que eu estivera quando doente, mas tudo que via eram móveis de razoável qualidade, um dormitório, fotos molduradas pelas paredes e nenhuma daquela bondosa senhora ou nada que remetesse à vivência dela nesse vagão. E se esse fosse de fato o lugar em que ela morava, em que eu fora tratado, seria também a morada de minha parceira, que apesar de se sentir à vontade, não se sentia em casa. Ao fim do quarto, havia uma cortina atapetada na parede que parecia encobrir um segredo, ou uma sujeira. Sem pensar, a menina a levantou e revelou aquilo que eu já vira nove vezes antes, mais uma daquelas portinhas divisórias, meu choque foi imenso, principalmente por saber que as histórias contadas a mim eram incompletas, talvez propositalmente. Essa passagem faria parte da Verdade? O que eu estava prestes a descobrir?

A manhã finalmente veio e a tempo conseguimos nos proteger dos olhares das vítimas de nossa intrusão em suas casas. Ao passar por um

breve túnel e trancar a portinha, vi uma paisagem já conhecida, mas agora com muito mais clareza, sua pequenez era maior do que eu guardava memórias e seu estado de cuidado e limpeza, bom... era feito o que se podia. A cama em que estive permanecia ali, da mesma maneira que a deixei. As paredes de ferrugem, a mobília de pó, os armários vazios e os livros surrados preenchiam toda a sala, minúscula.

Minúscula ao ponto de caber somente nós dois, mas ao fundo da sala reparei inúmeras camas (ou projetos delas) empilhadas umas às outras com pouquíssimo espaço para se deitar.

Tinham de ser em andares, não se caberia todas ao chão. Mas quem dormia ali? Quantos? Me perguntei internamente, mas minha surpresa era tão grande que minha amiga parecia escutar meus pensamentos. Depois de alguns minutos parados à porta, retomando fôlego, ela me arrastou para a outra extremidade do quarto, ouvia um barulho ruidoso transpassar as paredes, sentia um calor por todo o meu corpo e em cada passo que meus pés davam. Mais à frente, pude ver um grupo de pessoas sentados em roda e que pareciam estar em um momento ritualístico. Ao me aproximar, reconheci ao meio delas o grande saco que minha mãe carregara consigo há cinco dias. Seu conteúdo era dividido minimamente entre seis pessoas. Não entendi o porquê um pequeno pão estava sendo repartido na quantidade de pessoas ali presentes se havia comida suficiente para todos.

Logo que nossa presença foi notada, dois novos pedaços do mesmo pão se formaram e nos foram entregues com muita simplicidade e generosidade. Não estava realmente com fome, mas aceitei de bom grado. Nenhuma das pessoas ali pareceram surpresas com a minha presença, era como se, de alguma forma, me esperassem. Enfim, a menina me disse que já poderíamos conversar o quanto e quão alto quiséssemos, nunca poderiam nos ouvir, a espessura da última parede

garantia isso. Essa descrição me manteve pensativo por uns instantes. Ela percebendo, começou;

- Está tudo bem, estamos acostumados à inexistência.
- Por que têm de se trancarem aqui? - perguntei, a fim de entender.
- Não somos bem-vindos.
- Por que não?
- Nosso destino é nosso trabalho e nosso trabalho apenas encardiria a imagem que se deveria ter desse trem.
- Qual é seu trabalho?
- Ainda não é meu, mas em breve será.
- E o que terá de fazer, quando a hora chegar?
- Manter o ritmo e o pulso, para que você chegue lá.
- Chegue aonde?
- No seu destino, oras. - disse ela, encabulada.

Queria ter continuado nossa conversa, mas fomos interrompidos por uma voz que nos chamava. Era aquela senhora de quem eu me lembrava bem, que cuidou de mim. Assim que a vi, fui em sua direção e a agradei. Ela parecia feliz e surpresa com esse ato, seus olhos molharam. Nunca ninguém havia a agradecido por algo antes? Todos pareciam satisfeitos com nossa interação.

Após essa cena, a senhora chamou a menina de neta, pela primeira vez eu ouvia esse apelido. Disse a ela que não me assustasse muito com o que tinha de me contar, porque, no fim, a decisão seria inteiramente minha. Desde que esse episódio todo começou, eu sinto que sei de nada e entendo ainda menos. Essa consternação transpareceu aos meus olhos e ela, a neta, pegando em minhas mãos, disse;

- Fique calmo, você saberá o que fazer. Tudo irei te explicar, ou melhor, te mostrar.

Ao seguir por um estreito corredor, fui atrás. O calor aumentava e ela parecia acostumada. Talvez isso explique a cor de sua pele, tão linda e eu a admirava. Chegamos ao fim do cômodo, recostamos a uma parede e escorregamos até nos sentarmos ao chão. De alguma forma, aquela sensação térmica não agredia, mas me fazia sentir acolhido. Ou era por que ela estava encostada a mim? Não sei dizer, mas esses pensamentos logo sumiram de minha mente, pois ao decorrer de nossa conversa, meu terror se instaurou.

- Devo te perguntar primeiro, sabe quem és?
- Sou Arthur.
- Sabe de onde veio?
- Da velha terra.
- Sabe por que está aqui?
- Disseram-me que tínhamos de chegar ao nosso destino.
- Então sabes de nada – ela me disse, sem medo ou receio em

me contrariar.

- Você é quem não sabe – explodi – nem mesmo me conhece. Como pode dizer que tudo que aprendi até hoje é uma mentira?

- Simplesmente por saber a verdade – ela disse, calmamente.

Lembrei de que a senhora havia comentado para ela ir aos poucos comigo e resolvi dar mais uma chance à conversa, pois pela importância dada por ambas, eu teria de saber, de uma maneira ou outra, então, recomecei;

- Então, pode... me dizer seu nome?
- Sou Maze.
- Aquela é sua avó? - disse com incerteza.
- Sim, todos aqui somos uma família. Tivemos muita sorte por

ficarmos juntos, acredito que seja por sermos os escolhidos.

- Escolhidos? Para quê? - perguntei, surpreso.
 - Calma – ela me disse, em tom de risada – vou te explicar tudo, não precisa arregalar seus olhos.
 - Só quero entender... - disse eu, envergonhado e ainda curioso.
 - Sim, eu sei. Vou buscar uma coisa, me espere um momento.
- Maze se direcionou àquelas conhecidas caixas de sapatos imitando uma prateleira, remexeu alguns livros velhos, apossou-se de um, voltou para junto de mim e começou;
- Reconhece esse lugar? - perguntou, depois de folhear algumas pinturas.
 - Nunca o vi fora das histórias, mas é a velha terra, de onde todos viemos.
 - Sim, e sabe por que a deixamos?
 - Fomos convocados a algo maior – lembrei das poucas conversas com minha família.
 - Na verdade, não. Ela foi destruída por algo maior. Daquilo que estamos fugindo, nesse trem. Para um lugar seguro, assim todos da frente pensam. Mas a ameaça viaja conosco.
 - Uma ameaça conosco? O que é?
 - Não “o que”, mas “quem”.
 - Uma pessoa? - questionei assustado.
 - Não uma, todas da frente. Acontece que de onde viemos, a velha terra, era majoritariamente populada pelo meu povo, os Vitta. Cuidávamos de nossa mãe em troca de tudo aquilo que recebíamos dela: alimento, bebida, refúgio, plantio, caça, família e o poder de protegê-la. Entendíamos que nosso poder era necessário para sua sobrevivência, pois ela era viva, seu coração era pulsante e se conectava conosco; se concentrava ao meio da floresta, na Aravvia, um enorme monumento troncoso que se libertava em folhas, flores e frutos

ao topo, quase impossível de se enxergar de baixo, mas que possuía beleza única, suas cores eram hipnotizantes e podíamos ouvir seus batimentos, nos dizendo que estava ali, vivendo conosco. Éramos seus filhos. A imensidão de nossa terra era incalculável, não sabíamos quantos de nós existiam, ou melhor, não sabíamos que outros além de nós existiam.

Eu a ouvia atentamente, deslumbrado em encanto por pensar na possibilidade dessa vida, dessa experiência e de ter tantos comigo, todos se considerando parte de um. Logo, ela deu sequência a sua história que me deixou sem saber o que pensar, muito menos compreender;

- Assim, os Males chegaram, eram como nós, mas completamente diferentes. Falavam nosso falar, andavam como andávamos, comiam e bebiam do mesmo, mas suas vestes cobriam maior parte do seu corpo, não eram acostumados ao grande Sol, protegiam seus pés do chão puro e traziam ideias que eles chamavam de “investimentos”.

Meu espanto foi imediato, eu próprio era um Males de nascimento, assim como meus pais. Não podia acreditar que vivemos nesse paraíso. Como viemos para aqui? Claro que Maze sabia quem eu era, assim, decifrou essa pergunta em meus olhos e rapidamente respondeu.

- Seus ancestrais tinham pensamentos diferentes dos nossos em relação à nossa terra.

Eles diziam ter se desenvolvido, procuravam por mais e precisavam da nossa tecnologia, como chamavam nossa Aravvia. Apesar de diferentes, éramos um, filhos da mesma mãe. Mas ao abandonar suas origens e ameaçar suas raízes, penso que fizeram nada mais que regredir. Diziam coisas como descobrir um novo lugar, tinham a máquina pronta, mas não encontraram a combustão que pudesse fazê-la andar.

Precisavam de algo mais forte.

“Queriam nossa mãe e não conseguiram negociá-la. Eram em menor número, mas seus apetrechos eram fatais, muitos de nós caídos

em um piscar de olhos. Sua monstruosidade era mortífera, nos aterrorizava, nos despedaçava e nos separava, entre vida e morte. A dizimação se deu em instantes à exceção de um pequeno grupo que se agarrava às últimas esperanças a fim de proteger Aravvia, que nos dizia: “Juntem-se a mim, meus últimos filhos, e eu me tornarei vocês, me guardarão com seus corpos, me protegerão com suas almas e me levarão às próximas gerações, até os fins dos tempos. Não se preocupem com a destruição, ele virá e tudo se reparará”. Ao fim da frase, fomos tomados pelo maior dos poderes, nos sentíamos capazes de tudo e queríamos somente o fim deste trauma. Como se tivéssemos pedido por isso, tudo acabou, todos caíram e o silêncio reinou. Tínhamos uma nova missão, minha família deveria cuidar desse novo coração em nossos corpos e mantê-lo sempre forte, para sermos sempre dignos de carregá-lo. Foi daí que vim.”

- E a velha terra, por que a deixamos se tudo ficou bem? - perguntei depois de um momento de reflexão.

- Como eu disse, Aravvia era a força que a mantinha de pé, com seu núcleo fora da terra, tudo passou a ruir, lentamente. Se queríamos nossa mãe viva, tínhamos de fugir de suas consequências. E então, após luas de caminhada, encontramos a máquina de que tanto falavam, um quilométrico nabo feito de metal, pessoas saíam e entravam por uma porta e se assustaram com nossa aproximação. Os “investidores” que não se juntaram a patrulha sabiam da possibilidade de retirar Aravvia de seu habitat, ao aparecemos, puderam sentir o que carregávamos, entenderam o porquê de nós e não seus companheiros estarem ali e, rapidamente, nos encurralaram com líquidos que nos deixavam zonzos até dormentes.

“Acordamos com o monstro cinza em movimento, nesse mínimo cubículo improvisado, antes usado como ala de cura, mas faltando um de nós. Soubemos o que teria sido seu fim, no momento em que sentimos

a rolagem pelos trilhos. Estava funcionando e a custo de um dos nossos, e também deles. Entendíamos nosso destino, devíamos sucedê-lo quando não pudesse mais queimar.”

- Mas ainda não entendo, – refleti – causaram isso a si mesmos, essa prisão quase eterna. E por quê?

- Talvez você não conheça, mas existe um inimigo dentro de todos os seres que em alguns desperta e em outros adormece desde e para sempre. Nos Males, vive incansavelmente, os guia e os atormenta, diariamente. E também os fazem querer sempre o que está à frente, mesmo que, de tão longe, não se possa enxergar.

- Tornaram-se sacrifícios para que outros pudessem continuar vivendo com seus próprios demônios?

- Tem sido assim desde que embarcamos, e não conseguimos sair. Acredite, tentamos.

- E é por esse inimigo que estamos aqui?

- Sim, ele é a causa.

Pela primeira vez, pude notar um tom fraquejado na voz de Maze. Guardar aquilo tudo consigo era demais para uma jovem de bagagem antiga, mas era seu dever, como Vitta. E isso eu entendia.

- Se os Males são os causadores de toda essa realidade, por que não parece me odiar?

Com certeza sabe que sou um deles.

- Antes que eu responda, preciso que saiba de mais uma coisa. – Continuei a ouvir atentamente – Aravvia nos deixou com um propósito, a destruição de nossa casa era por uma causa e essa reparação viria inesperadamente por alguém. Estamos em movimento, fugindo, mas ainda estamos na velha terra.

- Como pode? - Meu espanto falou mais alto.

- Não há outra dimensão em que nossa espécie continue sendo nossa espécie senão pela velha terra. Ainda estamos nela, os

panoramas que acompanha pelas janelas, são as últimas paisagens sobreviventes de nossa verdadeira casa. Não saímos dela e tampouco ela de nós. Estamos fugindo dela, mas precisamos enfrentar a consequência de todos nossos atos. Aravvia, antes de se silenciar, nos disse que ele viria e tudo se repararia.

- Ele quem? - quis saber.
- Não sabíamos, até você nascer.
- Eu? Mas o que um Males como eu pode fazer a título de reparação diante de toda essa culpa que carrego?

- Você nasceu aqui dentro, mas morre pelo que está fora, diferente de todos os Males. É nossa esperança. É filho de Aravvia e todos sentimos, desde o primeiro momento em que abriu seus olhos para este mundo.

- Faço o que for preciso. Me ajude, o que devo fazer?
- Deverá escolher.
- Entre o que?

Ela riu, carinhosamente, mas seus olhos transmitiam um sentimento diferente de seus lábios. Mesmo nos conhecendo há tão pouco tempo, sinto que a entendia de outras vidas.

Estávamos conectados por laços que não se podia enxergar, mas se podia sentir. Com isso, compreendi. Ela seria a próxima a nos mover. Eu poderia impedir, mas deveria? Queria tomar a decisão correta e precisava saber mais, mas pela apreensão de todos naquele quarto, percebi que não havia tempo. Logo, o calor que acalentava nossas costas diminuía, soube que atrás daquela fina parede estava um Vitta, aquele que sucedia o antigo e dava aos seus mais um tempo de vida. Minha amiga se levantava e todos nos rodeavam, começavam aquela mesma canção que eu a ouvia murmurando. Estava se preparando. Minha decisão diria seu fim.

Essas eram minhas opções; despedir-me da única coisa boa que me acontecera nessa vida infestada de culpa, demônios e anseios, carregar todos os Males e ignorar que alguma vez tive a chance de consertar todos os erros cometidos por aqueles que perderam suas origens ou aceitar as minhas, reconhecê-las como minha força, salvar Vittas, desvincular-me do que pensei ser minha família e restaurar Aravvia onde jamais deveria ter saído, para que a esperança retorne à velha terra e se faça mais uma vez nova.

Parecia simples de determinar, queria ser o que Aravvia me tinha feito para ser. Mas quando lembrei do que me trazia e me prendia a esse mundo e tive a realização de que para esse bem maior eu teria de torná-los, agora, também em sacrifícios, me doeu como nunca sentira. Apesar de serem como são, ainda eram meus pais. Suas inibições às minhas questões realmente os tornavam dignos de morrer? Eram realmente culpados pelas atitudes de outros, seus antigos? Todos os vagões eram preenchidos por corações que carregavam os mesmos demônios? Todos esses Males deveriam desaparecer para que Vittas pudessem tornar a ter valor? Precisava de mais tempo, a música aumentara, o calor diminuía, ela se ia.

“Aravvia” chamei, como nunca antes tinha, pois só agora a descobrira e temia que não me atendesse por tanto tempo tê-la deixado sozinha. Os Vittas nos cercavam, Maze abria a última escotilha, mais um vagão havia, cheirava como brasa e em chamas ardia, o último Vitta. Enquanto eu não me decidia, Maze ia, me olhara pela última vez e sorria. Estava agradecida pela companhia, eu sentia seus pensamentos, podia vê-los, entendê-la, estava entregue, era sua missão. Quando lhe dei, não pegou minha mão, fechou a porta e fiquei com sua canção.

Chorei, por minha amiga, por minha incapacidade e covardia, era isso que Aravvia previa?

O trem seguiu seu curso. Maze se fora.

Não pude sair de perto da parede, queria sentir seu calor tanto quanto podia, copiosamente me lamentava, como pude desperdiçar sua vida?

“Aravvia, pode me ouvir?”

“Se ainda não te decepcionei, me ajuda a prosseguir?” “Ainda posso salvar? Preciso dela aqui...”

“Aravvia...”

“Mãe...”

- Te ouço como sempre, meu querido Arthur.

De sobressalto levantei a cabeça, queria encontrar quem tinha falado isso, mas o quarto parecia ainda mais escuro, seria culpa da minha nuvem de lamentações? Os remanescentes não estavam ali, voltaram às suas posições de início, espera.

Pensei estar sonhando, imaginando o que no fundo queria, conversar com Aravvia e ver se me permitia...

- Permito, meu filho.

- Aravvia? - perguntei, vergonhosamente.

- Sim, sou quem chamas. Peço desculpas pela minha tardia presença, precisava que me chamasse.

- Não importa o quão tarde apareças, mas sim que estás aqui!

- Obrigada por essas palavras, há tanto esperei ouvi-las. Te gero em meu ventre desde os primórdios, és minha maior obra prima. Incomparável aos campos, montes, mares e colinas, pois és todos eles. Aquele que será o guia de todo o novo, para uma nova vida.

- Ainda haverá vida? - perguntei, enchendo-me de esperança.

- Claro, querido Arthur, esse é seu propósito. Cuidar para que não seja extinta.

- Então...

- Sim, ela está salva, só preciso que você diga.

- Eu sinto muito, mãe. Em alguma era acharia em seu coração a bondade dedos perdoar pelas atrocidades acometidas contra nossa própria fonte de vida?

Não houve resposta, mas eu a entendia. Eu estava errado em pensar que somente sacrifícios nos levariam ao bem maior. Já estávamos perdoados, só precisávamos pedir pela chance de uma nova vida.

O trem, pela primeira vez, parou.

A agitação nos vagões que se seguiam era imensa, para os da frente, não havia passado menos que cinco minutos após o Despertar. Eu sabia. Ela estava comigo até mesmo quando não a conhecia. As portas se abriram, o cálido toque do Sol era reconfortante, para muitos, pela primeira vez. Sem nem pensar nas possibilidades, todos desceram naquela grama convidativa, observaram maravilhados a luz do dia, sentia as folhas e o sereno da manhã.

Avistavam tudo o que se podia ter para viver, ali, era o melhor lugar para começar. Recomeçar.

Jamais poderia agradecer Aravvia por tudo aquilo que nos foi proporcionado novamente, queria poder desfrutar de tudo, com ela... Finalmente, após todas as surpresas, pude sentir mais uma vez a dor de tê-la perdido. Era a única que... Senti um toque em minha mão, como aquele que sentia dela quando atravessávamos todos os vagões em nossa aventura. Tinha certeza de que era minha vontade de vê-la falando mais alto. Mas não, era realmente ela. Me dizia carinhosamente: "obrigada". E eu só conseguia responder: "você é minha Vitta".

Meus pais me viram ao longe e vieram ao meu encontro, em meio aos choros e muitos abraços, me diziam;

-Chegamos, Arthur. Chegamos!

Apresentei Maze, não entendiam de onde ela surgira, mas a empolgação deles era tão grande que nada mais importava. A acolheram como da família.

Para eles, tinham cumprido o maior dever de suas vidas, depois de tanto tempo de espera, tudo recompensaria.

Mas eu ainda havia de explicar, o propósito nunca foi o destino, mas a viagem dessa vida.

A Aravvia, eu eternamente agradeceria.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

NASCIMENTO, J. A VERDADE. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 10, n.º 23, jan-jun/2025, p. 289-307.